



O modernismo brasileiro e as literaturas africanas de língua portuguesa

Tania Macedo
Universidade de São Paulo

RESUMO: O texto apresenta algumas das confluências existentes entre o modernismo brasileiro e as literaturas africanas de língua portuguesa, buscando demonstrar as coincidências de diretrizes estéticas e ideológicas pertencentes tanto ao movimento brasileiro de 1922 como às literaturas de Angola, Cabo Verde e Moçambique nos anos 1950, os quais marcam o surgimento dos sistemas literários daqueles países.

ABSTRACT: The text presents some of the existing convergences among the Brazilian Modernism and the African Literature in Portuguese searching to demonstrate the coincidences of the aesthetics directives and ideologies belonged both to the 1922 Brazilian Movement and to the literatures of Angola, Cape Verde and Mozambique in the 1950s, which ones make the appearance of the literary systems from those countries.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo Brasileiro; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

KEYWORDS: Brazilian Modernism; African Literature in Portuguese; Comparative Studies in Portuguese.

Sou um angolano capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira, capaz de sambar com intenção ao som de uma marchinha de Luiz Gonzaga, ouvindo o bater ritmado dum tambor com acompanhamento de reco-reco.
Ernesto Lara Filho

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira,
Poetas do Brasil,
Do Brasil, nosso irmão,
Disseram:
“-É preciso criar a poesia brasileira,
de versos quentes, fortes, como o Brasil,
sem macaquear a literatura lusíada”.
Angola grita pela minha voz
Pedindo a seus filhos nova poesia!

Maurício Gomes

Ainda que, infelizmente, a constância não seja o atributo que melhor possa definir o diálogo literário estabelecido entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa, não há como deixar à margem que ele ocorreu em momentos extremamente importantes e interessantes dos sistemas literários dos países das duas margens do Atlântico, como o comprovam as palavras de Ernesto Lara Filho, poeta e prosador angolano e os versos de

“Exortação”, de outro poeta angolano, Maurício Gomes, que servem de pórtico a esse texto.

Ambos os textos são bastante eloqüentes no que tange às marcas que a literatura brasileira imprimiu nas trilhas da literatura angolana contemporânea. No que se refere ao poema de Gomes, vemos que ele convoca os modernistas brasileiros Manuel Bandeira e Ribeiro Couto como vozes autorizadas a sancionarem o seu canto que busca uma poesia genuinamente angolana.

Creemos que o poema é paradigmático no que se refere às relações que se estabeleceram entre a literatura angolana e a brasileira no momento do seu movimento modernista, na medida em que ele encena o diálogo entre os autores de 1922 e o eu poemático, visando à “nova poesia” angolana, exortação que reaparecerá em outros momentos do poema como uma espécie de refrão, demonstrando como o

poeta, então, estimula ao rompimento com a ordem literária vigente, fundando um pilar nas forças de coesão sediadas na natureza e no homem angolano como forma de resistência cultural que recicle, no novo, o espírito da nacionalidade, em relação ao presente de dominação/descharacterização colonial. (SANTILLI, 2003, p. 228)



Se o poema de Maurício Gomes, publicado em 1958, exorta os angolanos a realizarem um rompimento com os modelos tecno-formais da literatura da metrópole visando a que os autores angolanos elaborem os “versos quentes, fortes, como o Brasil”, o estabelecimento do diálogo com a literatura brasileira é anterior, como se pode ver acompanhando o surgimento do movimento “Vamos descobrir Angola!”.

Recorde-se que nos fins dos anos 1940, mais precisamente em 1948, graças ao Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, sob o lema de “Vamos descobrir Angola!”, e os seus esforços (entre os quais a publicação da *Antologia dos novos poetas de Angola – 1950* e da revista *Mensagem – Voz dos Naturais de Angola*) que se consolida o sistema literário angolano.

O Movimento dos Novos Intelectuais, integrado, entre outros, por Viriato da Cruz e António Jacinto, propunha-se a uma redescoberta de seu país, ao mesmo tempo em que a sua produção visava a uma produção para o povo, com a “expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana”. Era integrado por autores que

sabiam muito bem o que fora o movimento modernista brasileiro de 1922. Até eles havia chegado, nítido, o ‘grito do Ipiranga’ das artes e letras brasileiras, e a lição dos seus escritores mais representativos, em especial de Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Lins do Rego e Jorge Amado, foi bem assimilada. (ERVERDOSA, 1978, p. 84)

Para os jovens do Movimento que iria definir os rumos da literatura angolana, a leitura de autores do Modernismo brasileiro abriu caminhos, apresentando propostas estéticas e respostas a questões que eles próprios se colocavam. Sob esse aspecto, o balanço sobre o movimento modernista brasileiro, realizado por Mário de Andrade em conferência realizada em 1942 e posteriormente publicado em *Aspectos da literatura brasileira* sob o título “O movimento modernista” (ANDRADE, 1974, p. 231-258) pode nos auxiliar a traçar algumas das convergências existentes entre o programa estético dos brasileiros de 1922 e dos angolanos de 1948.

Recorde-se que naquele texto Mário de Andrade define o Modernismo como “uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas conseqüentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional” (p. 240), aspecto este que, segundo entendemos, foi percebido pelos Novos Intelectuais de Angola e assimilado, não apenas no que se refere ao aspecto formal da poesia, mas também de novos temas que freqüentariam o repertório poético angolano. Mais adiante, Mário reafirma o caráter iconoclasta do movimento brasileiro, indicando uma espécie de trajetória a que obedeceu o espírito de 22:

E foi da proteção desses salões que se alastrou pelo Brasil o espírito destruidor do movimento modernista. Isto é, o seu sentido verdadeiramente específico. Porque, embora lançando inúmeros processos e idéias novas, o movimento modernista foi essencialmente destruidor. (ANDRADE, 1974, p. 240)

Mas sem dúvida são os três princípios fundamentais do Modernismo brasileiro que teriam presidido ao movimento que mobilizaram os autores angolanos, na medida em que neles convergiam os anseios da geração de artistas que procuravam novas formas de expressão de uma singularidade angolana: “o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional.” (p. 242).

Como bem nos lembra Rita Chaves a respeito da leitura que os autores angolanos realizaram desses paradigmas da Semana de 22,

(...) a estabilização da consciência nacional era uma espécie de condição para que a pátria se transformasse em nação. Por isso era preciso trabalhar as divisões internas, investindo na consolidação de um projeto que na ignorasse as diferenças inerentes a um solo onde a diversidade de etnias, línguas e tradições compunha um intrincado mosaico cultural. A consciência dessa pluralidade e a crença na necessidade converter esse dado em fator positivo podem explicar os rumos seguidos pela prosa de ficção que, de algum modo, procura se apossar do país trazendo para a cena literária todo um conjunto de elementos que pudesse refletir o caráter múltiplo desse universo. (CHAVES, 1999, p. 48)

Ainda que a estudiosa se refira especificamente a Angola e à ficção ali produzida, suas observações podem ser ampliadas para a realidade dos cinco países africanos de língua portuguesa na medida em que a pesquisa estética centrada nas singularidades culturais de cada país e a busca de atualização da inteligência artística nacional foram alvos perseguidos de perto pelos consolidadores das literaturas daqueles países africanos.

A leitura do modernismo brasileiro que se realizou na África de língua portuguesa foi estética, sem dúvida; mas, sobretudo, ideológica, na medida em que:

(...) esteve ligada a uma conscientização político-social. Tratava-se nesses países, como ocorreu no Brasil, de prestigiar um nível de fala de identificação nacional. Os registros múltiplos desses níveis apontavam para situações socioculturais diversas, tanto no plano de cada cidade (com as divisões sociais internas) como no plano das várias regiões de cada país. (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 73)

Os exemplos das operações de leitura que se realizam na passagem de textos de uma margem a outra do Atlântico são numerosos, como nos mostra Maria Aparecida Santilli em um texto imprescindível intitulado “Angola, Brasil, Cabo Verde, nos caminhos cruzados da poesia” (SANTILLI, 2003, p. 126-136). Ali, a estudiosa após apresentar alguns dos textos em que o Brasil e a sua literatura se presentificam, detém-se com mais vagar em traçar uma leitura comparatista entre dois textos de Manuel Ban-

deira (“Evocação do Recife” e “Pasárgada”) e poemas do angolano Mário Antonio (“Rua da Maianga”) e dos cabo-verdianos Osvaldo Alcântara/Baltazar Lopes (cinco textos reunidos sob a título *Itinerário de Pasárgada*) e de Ovídio Martins (“Anti-evasão”), assim como entre “Carta para longe”, texto do poeta cabo-verdiano Daniel Felipe, e “Europa, França de Bahia”, do brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Em todas as análises a pesquisadora busca tematizar não apenas as semelhanças entre os textos, mas também apontar-lhe as diferenças, desenhando a singularidade de percurso de cada poeta e sistema literário.

O móvel da análise é bastante interessante, pois para Santilli
Não se trataria de desprezar a consciência histórica, ou de assumir uma atitude anti-história, ou, nem mesmo de aliviar o fardo da história. Tratar-se-ia, sim, de passar a reconsiderarmos desde nossa atual posição de periferia, relativamente às metrópoles do poder mundial de hoje, ou seja, onde podemos fazer blocos a partir das diferenças oriundas das ancestrais analogias, que estiveram no sistema geopolítico do passado que nos articulou. (SANTILLI, 2003, p. 138)

A título de exemplificação, vale transcrever dois poemas caboverdianos e o texto de Manuel Bandeira, a fim de verificarmos as confluências de um mesmo tema – a Pasárgada ideal, como um espaço onírico – e as diferenças que as leituras dos autores de Cabo Verde operam a partir do texto brasileiro:

Vou me embora prá Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro bravo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
- Lá sou amigo do rei -
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(*Libertinagem*, 1930)

Itinerário de Pasárgada

Oswaldo Alcantara (Baltazar Lopes)
Saudade fina de Pasárgada...

Em Pasárgada eu saberia
onde é que Deus tinha depositado
o meu destino...

E na altura em que tudo morre...
(cavalinhos de Nosso Senhor
correm no céu;
a vizinha acalenta o sono do filho
rezingão;
Tói Mulato foge a bordo de um
vapor;
o comerciante tirou a menina de
casa;
os mocinhos da minha rua
cantam:
indo eu, indo eu
a caminho de Viseu...)

Na hora em que tudo morre,
esta saudade fina de Pasárgada
é um veneno gostoso dentro do
meu coração

Anti-Evasão

Ovidio Martins

Pedirei
Suplicarei
Chorarei
Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão
E prenderei nas mãos convulsas
Ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei
Berrarei
Matarei

Não vou para Pasárgada

Como se pode verificar, o texto de Bandeira é lido sob a clave da evasão, tema tão caro aos caboverdianos daquele momento, que se debatiam com a questão da emigração para sobreviverem em melhores condições do que aquelas oferecidas pelo Arquipélago. Dessa maneira, o "ter de ir, querendo ficar" constituía-se em um dos principais debates que percorria a sociedade daquele momento. No que se refere ao poema de Ovídio Martins, escritor pertencente à geração da revista *Certeza* (1944), a qual trazia uma forte marca do neo-realismo português, pode-se dizer que estamos frente a um verdadeiro manifesto que, colocando-se diametralmente em oposição ao onírico dos versos de Bandeira, afirma a necessidade da luta e da expressão de um sentimento de pertença a Cabo Verde a partir da realidade circundante, sem fugas ou evasões.

Considerações finais

Se, como afirmávamos acima, a constância não tem sido a tônica das relações literárias entre o Brasil e os países africanos de língua oficial portuguesa, também não se pode deixar à margem que o intercâmbio existiu de variadas maneiras e em momentos importantes de definição ou redirecionamento dos sistemas literários dos países das duas margens do Atlântico. Lembramos, aqui, a título de exemplo, o período romântico brasileiro, no qual realizou-se o encontro seminal para uma das manifestações literárias mais importantes da literatura angolana, a escrita do angolano José da Silva Maia Ferreira.

As aproximações mais duradouras, todavia, seriam consolidadas pelo Modernismo, a partir do delineamento de uma proposta estético-ideológica em que o projeto literário inscrevia-se em um projeto cultural maior, de questionamento e intervenção na realidade nacional.

A esse respeito, cremos que a estrofe final de "Poema para Jorge Amado", de Noêmia de Sousa, sintetiza admiravelmente o que vimos afirmando:

Jorge Amado, nosso amigo, nosso irmão
Da terra distante do Brasil!
Depois deste grito, não esperes mais, não!
Vem acender de novo no nosso coração
A luz já apagada da esperança!

Aceito para publicação em 25/02/2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 5.ed. São Paulo: Martins, 1974.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. Entre intenções e gestos. Maputo; São Paulo: FBLP; Via Atlântica, 1999.

CHAVES, Rita. *A literatura brasileira e o imaginário nacionalista africano: invenção e utopias*. In: CHAVES, R; SECCO, C; MACEDO, T. (Org.). *Brasil/África: Como se o mar fosse mentira*. Maputo: Imprensa universitária, 2003.

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Luanda: união dos escritores angolanos, 1979. (Coleção 2K).

LARA FILHO, Ernesto. *Crônicas da roda gigante*. Lisboa: Afrontamento, 1990

SANTILLI, Maria Aparecida. *Paralelas e tangentes: entre literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Arte & ciência, 2003. (Via Atlântica, 4)

SOUSA. Noêmia. *Sangue negro*. Maputo: associação dos escritores moçambicanos, 1988.